

O Crime do Professor de Geografia

As curvas, donas das voltas que a vida dá, são as mesmas que me trouxeram até aqui e que levam a todos à cidade em que nasci. Curvas que caminham a subida dos montes que formam o vale dentro do qual a cidade se fundou, o vale de minhas lágrimas, as quatorze estações da via crucis de meu corpo.

Não é uma gota de água que faz o copo transbordar. Como não é a mão que voa na cara que faz o tapa doer. Esquece-se da submissão que a mão erguida e estabilizada no ar causava em minha mãe cada vez que meu pai gritava. Meu pai, Homem-Mor, Homem-Delta, Homem de H maiúsculo. Dizem alguns que Deus com letra maiúscula é uma das maiores provas de etnocentrismo, acreditar em um 'D'eus superior aos demais deuses. Um Homem, detentor de uma dose exacerbada de si mesmo, trazendo internalizado em suas concepções cheia de poderes, que isenta o Macho Potente e Viril de qualquer questionamento, tal como este Deus maiúsculo, onipresente, onipotente, onisciente.

A primeira vez em que o professor de Geografia entrou na sala de aula, eu tinha 15 anos de idade. Morava em uma cidade pequena, pacata, aonde existia apenas uma escola de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Ele era professor das últimas turmas desta escola.

Com 15 anos, estava no oitavo ano. Tínhamos, com ele, três aulas semanais, e logo a primeira aula de segunda-feira foi por ele ministrada. Havia um medo coletivo e, justamente por isso, todos se calavam perante sua figura, em especial as meninas. Neste tempo, ainda tínhamos aulas de Ensino Religioso das quais o padre da comunidade era o professor. Aprendíamos com ele os bons e os maus princípios, o certo e o errado, o dever fazer e o dever estar longe de quem faça. E sempre, nos fins das aulas, nos oferecia uma passagem bíblica. Uma delas muito me marcou, ela diz que “Como Cristo é a cabeça da igreja, o homem é a cabeça da mulher”.

Durante o oitavo e o nono ano a vida mantinha o mesmo fluxo, e neste, seguia calando-me, tal como minha mãe, frente a meu pai, e começando também a calar-me frente a meus irmãos, Homens que há pouco passaram a entender o H maiúsculo, donos de uma vida que eu jamais poderia ter. Ao calar-me diante deles, aprendi a calar-me também diante a vida, frente aos estigmas que hierarquizam. O modelo hierárquico da versão tradicional que opõe masculino-dominância-atividade versus feminino-submissão-passividade. Configuração ainda vigente nos cantos desta cidade que se diz modernizada.

Na escola, o professor de geografia sempre nos propagou o temor, e eu, que vivia com os medos que carregava sob um fenótipo não-ideal de cabelos crespos, calava-me na presença do Homem.

Adentrando o Ensino Médio, outra vez estava o professor de Geografia em frente à turma, desta vez apenas em duas aulas semanais. O ano correu com as mesmas dores simbólicas por trás de cada gesto. No fim do ano, para meu espanto e surra que levei de meu pai - um Homem negro que havia esquecido o peso de uma chibatada - tive a primeira prova de recuperação de minha vida. Não mais me bastavam os estigmas de cabelo ruim, beijo gordo, nariz achatado. Agora também era vista por a direção do colégio como a menina burra que, por ser negra, não tinha condições intelectuais de acompanhar os colegas brancos.

No início do segundo ano do Ensino Médio, os primeiros toques em meu braço, enquanto copiava as formulas de contas de fusos-horários, começaram. Em um principio, eram toques tolos, sem sentido, como cutucar-me ao passar por entre as fileiras de carteiras dos alunos. Passou-se o primeiro bimestre, o segundo. Na semana após as férias, sentada em minha carteira, foi a primeira vez em que ele colocou seu dedo, sobre minha camiseta de uniforme, por debaixo da alça de meu sutiã, erguendo-a e, em seguida, soltando-a.

Meu corpo, nos últimos anos, por consequência de menstruações, hormônios, idade, havia se transformado. Peitos me haviam crescido, o corpo em desenvolvimento. Perspectivas de sexo, na época com 18 anos, não tinha nenhuma. Havia escutado apenas uma vez uma discussão de meus pais sobre camisinha, que pensava eu ser falta de dinheiro para que comprassem uma camisinha a meu irmão mais novo que já tinha sete anos. Na época, não compreendi o sentido da frase que minha mãe gritou: “use camisinha ao menos com estas vagabundas de rua para que não tragas a AIDS pra dentro de casa para contaminar teus filhos”, nem o estouro que ouvi em seguida.

Os toques começaram a ser mais contínuos. Com medo deles, me esforçava cada vez mais para não ficar em recuperação. No último dia de aula, a única aluna que pegou exame final, descobri, fui eu. Na prova de recuperação, não havia ninguém mais no colégio, e o professor levou-me ao almoxarifado, com a desculpa de que lá havia um mapa no qual deveria localizar alguns países como parte da avaliação.

Quando entramos, tocou-me a calça na região em que as pernas se encontravam para formar meu tronco. Tocou com força, com a outra mão, meu peito negro de mamilo duro e escuro. Não conhecia meu corpo. Éramos incubadoras que serviam para gerar varões. Minhas irmãs não conheciam o amor, apenas a ilusão de que a maternidade seria a felicidade e que, por isso, todas nós deveríamos casar e submeter-nos a nossos donos, como boas escravas que ainda éramos. Deveríamos, todas, sermos boas amas de leite e servir como provedoras a seus varões enquanto estes não possuíssem suas próprias esposas.

Para meu professor, era eu um animal exótico, uma negra de cabelo duro e arrepiado em plena década de 90. Antes da excitação sexual, estava ele me desejando apenas para evidenciar o seu status Dominador.

Ele me tocava e cada vez sentia mais nojo de mim mesma por não conseguir gritar para que me soltasse. Colocou sua mão em minha boca, mordeu seus dedos e urrei desesperadamente. Meu grito o aterrorizou e, vendo que eu não suportaria mais calada, colocou em minha boca um pedaço de pano usado para a limpeza do chão.

Começou a morder-me os mamilos, volteou-me e seu penis ereto penetrou-me de uma só vez o anus. Meus gritos saíram, mas o pano em minha boca abafava-os e, mesmo que conseguisse emitir algum som mais alto, a escola estava deserta. Os professores mais antigos tinham uma cópia das chaves e podiam ficar até mais tarde utilizando a máquina de escrever da secretaria para preparar provas. As turmas de terceiro ano ainda não haviam feito o exame de recuperação.

Enquanto intercalava seu falo entre meu corpo, tirou um dos cabos de vassoura do almoxarifado e bateu em minha cabeça com ele. Desmaiei. E quando acordei já não sabia onde estava; quem era; como era. As partes visíveis de meu corpo, meu rosto, mãos e braços, estavam em perfeito estado, porém meu tronco, os peitos, vagina, anus, estavam em quase decomposição. De meu anus escorria um líquido misto de fezes, sêmen e sangue. O mamilo esquerdo sangrava por conta das mordidas.

Cheguei a minha casa após o horário de sempre. Meu pai, que trabalhava na roça de cana, levava uma marmita para seu almoço, ele e meus outros irmãos faziam isto nas férias junto aos outros homens negros da cidade. Minhas irmãs, também de férias, estavam trabalhando em casas de pessoas ricas, das quais durante o ano minha mãe lavava as roupas.

Ao chegar à casa, fui ao banheiro, a água começou a cair, era fluxo. Tudo era fluxo e ia-se ao nada, trilhando as curvas do chão de cimento áspero. Banhei-me e senti as dores de meu corpo. Estas eram demasiado pequenas se comparadas com o que sentia no peito que latejava enquanto não lograva arrancar as imagens de minha cabeça.

Passaram-se dois meses quando me dei conta de que minha barriga começava a crescer.

O terceiro ano do Ensino Médio começou junto a desmaios e enjoos nas aulas de Ensino Religioso. Um dia, à tarde, chegou uma mulher em minha casa. Era a esposa do professor de Geografia. Ela trazia na bolsa agulhas de crochê e disse que me ajudaria a livrar-me do que carregava em mim. Primeiro, fez um chá forte com umas ervas que não conhecia, hoje sei que era uma mescla de carqueja com macela. Após algum tempo, quando o chá começava a fazer efeito, disse que deveria tirar minha roupa e deitar-me na cama. Assim o fiz. Começou a penetrar-me com as agulhas de

crochê e as dores que aquele dia senti vieram-me novamente a tona. De dentro de mim saía junto com o sangue e pedaços de pele, um vazio, um buraco, um abismo não preenchido rodeado por curvas de montanhas, a via crucis, e eu, as quatorze estações, a cruz. Por tanto tempo o padre havia ensinado o que era bom e o que era ruim. O padre, a existência que tão bem sabia julgar o certo e o errado, mas jamais entender, apenas julgar.

Após o trabalho com as agulhas, o feto saindo despedaçado, não tinha condições de mover-me. Ela se foi. Pouco tempo depois, a polícia abria as portas de minha casa. Ao sair, ela havia ligado denunciando-me. Minha mãe, Maria, não me teve nos braços na décima terceira estação: da cruz fui direto ao túmulo.

Mergulho nas águas mais profundas que me converteram em tempestade interna e brisa aparente. Mergulho nas águas que tem a mínima capacidade de descongelar o meu eu, que após a prisão por ‘cometer um crime contra a vida’ fez tornar-me. Foi-se pelos ares o desejo de existir, desejo este que hoje, anos depois, dou-me conta, jamais tive dentro de toda aquela comunidade em que a mulher é meramente máquina de reprodução de varões de V maiúsculo, mas nunca V de viado, este minúsculo, mínimo, prejudgado e aparte da realidade da qual venho. A mulher meramente incubadora de filhos Homens, filhos que são mão-de-obra da colheita da cana-de-açúcar que paga os vícios do chefe, a luxúria do rei, o dízimo ao Papa.

Mergulho na hemorragia que me escorreu pelas pernas ao entrar em uma ambulância que, após ver o aglomerado de pele e ossos mal formados estava despedaçado, trouxe-me para cá. Mergulho no mesmo sangue que, ainda escorrendo, trouxe-me a esta penitenciária que acredita mais na naturalização da violência, do que no direito de uma pessoa que foi violentada e expulsa da própria vida. Penitenciária da transubstanciação, mas não a transubstanciação capaz de converter o pão e o vinho em corpo e sangue, mas sim capaz de converter o corpo e o sangue em massa bruta, morta, oca.